

DEPÓSITO LEGAL

37
-0. JAN 1942

MUNDO GRÁFICO



Uma
brilhante parada
dos
alunos do
Instituto
Profissional
dos
Pupilos do Exército



B. B. C.

A Voz de Londres fala
e o Mundo acredita

Noticiário em Língua Portuguesa

Horas	Estações	Ondas curtas
12,15 noticiário	G R Z . .	13,86 m. (21,64 mc/s)
12,30 actualidades	G S O . .	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V . .	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*) noticiário	G S C . .	31,32 m. (9,58 mc/s)
21,15 actualidades	G S B . .	31,55 m. (9,51 mc/s)
	G R T . .	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em
24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V

Sumário

- O REI DA NORUEGA VISITA PORTUGAL, por Oliveira
Abrantes
- REFLEXOS DO MUNDO
- ALLÁN BROOKE, biografia
- CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»
- OS ESTADOS UNIDOS NA GUERRA
- D. GENOVEVA MAYER ULRICH FALA AO «MUNDO
GRÁFICO»
- UM QUADRO HISTÓRICO
- UM RAID DA R. A. F.
- 1942, O QUE SERÁ ?
- A LEGIÃO ÁRABE
- OS «PILÕES» DOS PUPILOS DO EXÉRCITO
- A OFENSIVA NA LÍBIA
- FARAÓS EM LISBOA
- CONTRA A GUERRA QUÍMICA
- ANO NOVO
- AS TARECENAS DE MESTRE MÓNICA
- MEMÓRIAS DE CHURCHILL
- A CAMPANHA DE LESTE, por Carlos Ferrão
- IMAGENS DA INGLATERRA
- ACTUALIDADES NACIONAIS
- PAGINA FEMININA, de Aurora Jardim
- CRIME LENTO NA «PENSÃO-ALZIRA», novela de Rodrigo
de Mello
- CINEMA, de António Lourenço
- PARAMENTOS INGLÊSES



Um ninho de cegonhas

(cliché de José Vanzeller Patha)

Encadernações do MUNDO GRÁFICO

Capas 10\$00

Empastes 5\$00

Pedidos à Administração
de MUNDO GRÁFICO, L.ª

RUA DAS GÁVEAS, 6-2.º
T E L E F . 2 5 2 4 0

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou sêco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarías

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
L I S B O A



O REI DA NORUEGA VISITA PORTUGAL

por OLIVEIRA ABRANTES

POR uma tarde da primavera de 1905 chegava ao Tejo o iate inglês «Victoria and Albert» e fundeava em frente do Terreiro do Paço. A bordo vinham a rainha Alexandra de Inglaterra, suas filhas, as princesas Vitória e Maud e seu genro e sobrinho, o príncipe Carlos da Dinamarca. A cidade preparava-se para receber os régios visitantes, pedaços vivos da nossa velha aliada, cujos laços de amizade se apertavam mais nos amplexos com que os reis portugueses recebiam os enviados de S. M. Britânica. O povo rejubilava.

As ruas por onde o real cortejo devia passar, encontravam-se floridas, ornadas de grandes arcos de verdura bordados com palavras de saudação. Mal supunha o genro da imperatriz das Índias que seria essa a sua última viagem ao sudoeste da Europa como representante da casa soberana da Dinamarca.

Filho segundo do herdeiro do trono, só um acaso funesto o levaria a empunhar o cetro da sua pátria. Sem ambições de mando, o seu trato afável impunha-o à consideração do seu povo; e os estrangeiros que o viram, alto, desempenado, na sua farda de oficial da marinha, testemunhavam-lhe uma grande simpatia.

Já lá vão trinta e seis anos. Muita gente ainda se recorda da sua figura simpática, com um farto bigode a ensombrar-lhe o lábio superior, subindo as ruas do Ouro, Nova do Carmo, Chiado — descendo o Alecrim, pelo Atêrro, Santos, Janelas Verdes e Pampulha, para recolher ao paço das Necessidades onde ficou hóspede de honra dos reis de Portugal.

Por esse tempo, no Norte da Europa, duas monarquias viviam sob a mesma coroa; dois países faziam parte do mesmo reino. Línguas e costumes diferentes, desde 1814, que se entendiam e acatavam as leis do mesmo monarca constitucional: a Suécia e a Noruega.

No Parlamento de Estocolmo, nesse ano de 1905, levantou-se um conflito, a questão dos consulados, uma voz fez-se ouvir, protestando. Outras a secundavam e, dias depois, o rei Oscar da Escandinávia recebia uma nota dizendo que a Noruega queria recuperar a sua liberdade, perdida em 1814 pela cessão da Dinamarca a Bernadotte, rei da Suécia.

Imediatamente, em Cristiânia (hoje Oslo), organizara-se um governo provisório sob a chefia de Michelsen. Dêle faziam parte Olsson, ministro da Guerra; Lovland, ministro dos Estrangeiros; Hagerup Bull, ministro da Justiça; M. C. Knudsen, ministro da Instrução Pública; Avclander; M. G. Knudsen; Vinje; Bathner e Lehunkicht.

Este governo não hesitou na escolha do regime. Poderia ter optado pela república, visto não haver príncipe nacional à altura de cingir a coroa de Olaf Haraldsson, o Santo; mas, na família real da Dinamarca, um príncipe existia capaz de, a contento dos noruegueses, empunhar o cetro do rei Magno e dar, dentro das fórmulas constitucionais, a prosperidade à nação dos fiordes.

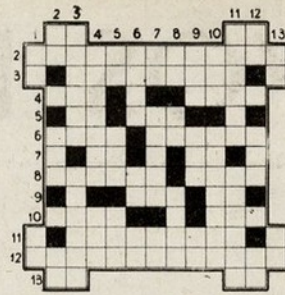
O príncipe Carlos da Dinamarca, sobrinho e genro da rainha Alexandra de Inglaterra, figura simpática e culta, preedchía bem as aspirações dos homens que se levantavam, sem disturbios, sem sangue ou estrondo de tiros, ou tilintar de espadas no empedrado das ruas de Cristiânia, contra a tutela sueca.

Os nomes prestigiosos de Ibsen, no declínio da vida, e de Nansen, o observador dos segredos do Polo, ficavam como símbolos nacionais. O príncipe Carlos iria mudar de pátria, reger os destinos duma nação vizinha. Adoptaria o nome de Haakon VII, em memória do último monarca norueguês.

Portugal, que teve a honra de receber a visita desse príncipe, já à beira do trono a que o acaso havia de o conduzir, lamentou a invasão do seu país adoptivo, o ano passado, e, ansiosamente, acompanhou-o até o exílio de Londres onde o seu coração se tinha prendido a uma neta da grande rainha Vitória. E o povo que éle durante trinta e cinco anos governou sem exações nem violências, aguarda, confiadamente, a vitória da Inglaterra para ver, de novo, no trono dos Vikings o simpático rei que não hesitou em sacrificar a sua tranqüillidade pela independência do país que o escolheu para soberano.

Da quietação do seu tûmulo, Michelsen, o restaurador da independência da Noruega, há-de abençoar o sacrificio do homem que escolhera para rei dos noruegueses.

E os portugueses que o aclamaram príncipe da Dinamarca saudam-no como rei no exílio em luta para restaurar as liberdades do seu povo de adopção.



PROBLEMA N.º 30

HORIZONTAIS

- 1 — Letra grega; Outra cousa (ant.)
- 2 — Alojamentos aos militares ordenados a particulares.
- 3 — PRETENDENDO.
- 4 — Lapso de tempo; Porção de uma curva.
- 5 — Consoantes iguais; Dirigias-te.
- 6 — AGRADAVEIS; SOLENI-DADES.
- 7 — 4.ª corda do violoncelo; Interjeição que designa admiração.
- 8 — Baixar ao mar; Nome da nau capitaneada pelos argonatas.
- 9 — CONTRACÇÃO DE PROPOSIÇÃO E APTIGO (PL);
- 10 — Raio da roda do engenho do açúcar; Nesse lugar.
- 11 — Cadeias pequenas.
- 12 — OS QUE RESOLVERAM UMA DIFICULDADE.
- 13 — Saudável; Campeão.

VERTICAIS

- 1 — Preposição e artigo; Carta de jogar.

- 2 — Símbolo do chumbo (química); Giboia; Artigo (pl.).
- 3 — Sal resultante da combinação do iodo com um corpo simples; Mistura de cores.
- 4 — Vento forte que sopra do nascente; Vara.
- 5 — Pertences; Senhor; Abreviatura da locução latina que significa «e o resto».
- 6 — Receci; Em doses iguais (química); Vogais.
- 7 — Sem demora (inv.); Confronto com os padrões; Laço apertado.
- 8 — Nociva; Pronome reflexo; Desguarnecidas.
- 9 — Ëia!; Transpira; Interpretei.
- 10 — Consoantes de «renda»; Caminhadas.
- 11 — Mete à força; Planta leguminosa de flores amarelas.
- 12 — O lado do vento (náut.); Incólume; Artigo (pl.).
- 13 — Êrmo; Fazes parte.



Solução do problema n.º 29



CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE



Academia
Científica
de Beleza

AVEN. DA LIBERDADE, 35
TELEF. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza

Rainha da Hungria

PARA PELES NORMAIS, EMBELEZAM, REJUVENESCEM E ETERNIZAM A MOCIDADE

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

REFLEXOS DO MUNDO

Mal entendido

O dr. Moreira de Almeida era director de «O Dia». Católico praticante, sinceramente convicto, não faltava nunca a uma cerimónia religiosa.

Uma tarde, chamou o «groom» e disse-lhe:
— Vais ali à igreja dos mártires ver se lá está o «Lausperene».

O rapazinho, que não comprehendia bem o «nome» e receava, sobretudo, esquecê-lo no caminho, pediu a um dos redactores que lho escrevesse, e lá foi com o papel fortemente apertado entre os dedos.

De volta, dirigiu-se ao gabinete da direcção.

— O sr. director dá licença?

— Entra. Então?

— Seiba V. Ex.^a que o sr. Lausperene está lá amanhã às onze horas e espera por V. Ex.^a.

Um herói americano



Um dos primeiros aviadores americanos mortos em combate foi o capitão Collin Kelly. Era um dos azes da aviação dos Estados Unidos.

Encontrou a morte, depois de recomendar aos seis homens da tripulação do seu bombardeiro que se lançassem em paraquedas, quando o aparelho se incendiou.

O bombardeiro incendiara-se após o combate em que atingira em cheio, por várias vezes, afundando-o, o couraçado japonês «Haruna».

Collin Kelly foi condecorado com a Cruz dos Serviços Distintos, a título póstumo.

Interrogações

António Maria Lopes é editor e secretário geral do «Século». Toma, diariamente, à mesma hora, um carro de Campolide que o leva até o «Rio de Janeiro». Por acaso, um outro passa-

geiro utiliza aquele «eléctrico», todos os dias e àquela hora. Relacionaram-se.

Aqui há tempo, o «amigo» do Lopes, de jornal em punho, senta-se-lhe à ilharga e pergunta:

— V. sabe porque compro o Século todos os dias?



— Certamente para se informar do que vai por esse mundo, para saber novidades...

— Era, era — responde o outro — Mas veja: «A América vai entrar na guerra...» interrogação — e apontava o sinal. Ora isso é que eu desejava que me dissessem. «A guerra vai durar mais três anos...» interrogação

— e continuava a apontar. Para o saber é que eu gostei os quarenta centavos. «As tropas alemãs cupuram Smolensko...» interrogação — e apontava mais uma vez. Isso é que me deviam dizer.

De facto, os títulos da primeira página terminavam sempre pelo enervante sinal interrogativo. António Maria Lopes não quis ouvir mais. Desceu antes da paragem... com o carro em andamento. Um mês depois, todas as interrogações tinham desaparecido.

Dançando



Numa aldeia da Holanda realizou-se há pouco um baile que é talvez único nos anais da dança. A aldeia havia sido bombardeada pelos aviões da R. A. F. Fumejavam ainda objectivos militares.

Esse povo que vive em luta continua com os elementos da natureza e conquistou parte do seu território ao mar, sabe que a R. A. F. combate pela libertação da sua pátria. Foi por

isso que depois de ela ter passado, saudada como sempre, com lenços e alegria, se pôs a dançar:

Dança que é um símbolo porque glorifica o dia em que a Holanda fôr reintegrada na sua plena e livre autonomia.

Um casamento



Na capela real do palácio de Saint James celebrou-se há dias a cerimónia do casamento de Mrs. Wigram com o Lord Presidente do Conselho Britânico, Sir John Anderson.

Mrs. Wigram é viúva de um distinto diplomata inglês, falecido em 1937. Sir John Anderson conta 61 anos de idade e tem sido muitas vezes ministro.

A cerimónia foi celebrada na maior intimidade, e, entre os seus poucos assistentes contava-se Winston Churchill, o único dos ministros que estava ao facto da feliz decisão de sir John Anderson. O casamento realizou-se meia hora depois do conselho de ministros a que ambos assistiram com a característica fleugma e o bom senso britânicos.

Seria outro?

Estreava-se, no D. Maria II, «A Castro», de António Ferreira, o grande poeta e comediógrafo do século XVI. Matos Sequeira ocupou a sua poltrona para mais uma das suas críticas brilhantes e, no lugar ao lado, sentava-se um senhor de aspecto inteligente que pertence à Sociedade de Autores e Escritores Teatrais.

Parece que a tragédia impressionou seriamente o homenzinho porque, no auge do entusiasmo, voltou-se para Matos Sequeira e ciciou-lhe ao ouvido: — Este António Ferreira tem talento. Também pertence à Sociedade?

Títulos de guerra

Em Leicester realizou-se há dias uma grande reunião pública. Falava o autor dramático e crítico de arte James Leaver. Os aplausos foram frenéticos, como Leaver nunca os teve em qualquer de suas aplaudidas peças. Maior êxito ainda como orador do que como dramaturgo? Não. O entusiasmo vibrou espontaneamente, na alma de todos, quando ele revelou um caso muito pouco vulgar na história dos conflitos.

Um prisioneiro, que trabalha numa propriedade agrícola inglesa, empregou todas as suas economias na subscrição de títulos de guerra britânicos.

Psicologia de homem que, uma vez vencido, deixa de confiar na vitória dos seus exércitos?

Parece-nos que deve ser simplesmente o facto de quem conhecendo o inimigo, e vendo a sua preparação e confiança no dia de amanhã acredita na impossibilidade de o vencer.

Coragem



Chama-se Ronald Bradfield este cabo australiano que estava a hospital de Creta. Quando do ataque à ilha saltou da cama, como estava vestido, simplesmente de pijama. Apoderou-se dum espingarda. Durante quatro dias combateu os alemães, sem outro vestuário que não fosse o pijama. Por fim, com vários soldados, meteu-se num pequeno barco e, após 10 dias de viagem, chegou a Sidi-Barrani. Muitos dos companheiros tiveram de ser hospitalizados, mas o cabo Bradfield curou-se nos combates e nas privações. Junto-se ao seu batalhão e agora deve ser um dos que se internaram na Líbia, combatendo victoriosamente.

Foi condecorado com a D. C. N.

Um menino prodígio

Kenneth Wolf é o nome de um menino prodígio. Seus pais, que são advogados, dizem que o garoto, aos quatro meses, já falava, e que, com um ano, já sa-

bia ler. Sem ter frequentado escola alguma, aprendeu a tocar piano, compo peças de concerto, fala francês e é uma autoridade em zoologia, botânica, geologia e ornitologia.

Tem dez anos apenas. Fez agora exame de admissão a uma universidade e foi admitido.

Estaremos na presença de um futuro Darwin?

Saber morrer



Na guerra antiga o general ia à frente de espada em punho e expondo-se como os seus homens. Hoje os quartéis gerais nem sempre estão na retaguarda. Por vezes, são atingidos pela metralha inimiga.

Raros são os comandantes ingleses que não vão para o fundo com seus navios.

No ataque japonês ao couraçado «Oklaoma» um dos primeiros atingidos foi o comandante por uma granada que lhe esfacelou o ventre. Caído na ponte continuou a dirigir as operações, esvaindo-se em sangue.

Quando, no final, dois oficiais o quiseram retirar ordenou-lhes que se salvassem. E ele deixou-se ficar. Bem depressa o mar o submergiu, comandando na morte o navio que tão heróicamente, comandara em vida.

Presente do Natal



A Irlanda é um dos membros do Império Britânico e o mais próximo do cérebro da imensa communsalty. A parte norte é protestante e encontra-se estreitamente ligada à grande ilha Britânica; a parte sul é católica e vive com o seu Parlamento e o seu Presidente, embora integrada no Império.

Quando da aproximação do Natal a Irlanda enviou para Inglaterra milhares e milhares de perus que a Gran-Bretanha recebeu, como se recebe o presente de um amigo que nos deseja felicidades.

Quere ganhar dinheiro?
Anuncie no MUNDO GRÁFICO



ALLAN BROOKE

Eis um homem de acção, o inglês cem por cem que sabe aliar nas proporções mais exactas a calma e a energia, o bom humor e a severidade, a indomável coragem e a prudência.

Sir Allan Brooke, que substituiu o general John Dill como chefe do Estado Maior do Exército Imperial, é um homem magro e animado que ri e gesticula quasi incessantemente. São proverbiais o seu bom humor e a sua calma. A sua carreira tem sido tão rápida como brilhante. E' talvez o oficial britânico que mais depressa alcançou os postos decisivos.

Exerceu funções de comando em Changai e Hong-Kong onde travou relações estreitas com diversos oficiais estrangeiros que têm em elevado aprecio os seus méritos. Fala várias línguas com correcção perfeita. O japonês e o chinês não têm para elle grandes segredos.

Dizem que o general Allan Brooke é bom para o desempenho de todas as funções e éle tem-se esforçado por confirmar esta versão.

Em 1937 abandonou a carreira do exército colonial e regressou à metrópole. Foi nomeado comandante da primeira divisão inglesa de «tanks» e pouco depois chefe da aviação de defesa. Reorganizou rapidamente esta arma.

Quando estalou a guerra assumiu o comando do 2.º corpo de exército britânico desembarcado em França. Por mais duma vez disse aos seus camaradas franceses, que não confiava na linha Maginot. Quando da ofensiva alemã foi encarregado de tapar a brecha aberta pelos atacantes entre Bapaume e Peronne e foi a sua acção enérgica que tornou possível a retirada de Dunquerque.

Regressou a Inglaterra e assumiu o encargo de transformar os 350.000 homens desembarcados num grande exército moderno. Ao fim dum ano, dava por terminada a sua missão e o mundo sabe hoje que qualquer tentativa de invasão da ilha depararia com uma resistência susceptível de a aniquilar. Especialista em artilharia, Sir Allan Brooke conhece os segredos da infantaria, da cavalaria, dos «tanks» e da aviação. O seu nome estava naturalmente designado para desempenhar as funções que agora lhe foram confiadas.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A marcha de guerra

Em Junho de 1940, a Gran-Bretanha estava ameaçada por uma invasão que não andava apenas na imaginação dos dirigentes do Reich mas encontrava a sua expressão militar em preparativos adiantados feitos em terra, no mar e no ar. Não será exagêro afirmar que viveu, então, uma das horas mais dramáticas da sua história. Na metrópole, em África e na Ásia, no coração do Império e nas suas vias de comunicação essenciais, um adversário poderoso e bem apetrechado encarniçava-se com o objectivo de conseguir uma vitória rápida e decisiva.

A invasão da Gran-Bretanha implicava uma questão prévia. Sem a conquista do domínio aéreo, qualquer tentativa de desembarque no solo inglês representava um risco gravíssimo. Não o quiseram correr os seus inimigos. De Agosto a Novembro do ano passado foi a grande batalha aérea sobre as principais cidades, centros industriais, meios de comunicação e transportes. A população reagiu de maneira admirável. Com a entrada do inverno a intensidade da batalha decresceu. Os ataques diurnos realizados, em massa, pela aviação de bombardeamento alemã foram-se espaçando e por fim cessaram completamente. A batalha aérea da Inglaterra estava ganha. A invasão da metrópole britânica foi adiada.

Mas, ao mesmo tempo que ganhava essa batalha, a Gran-Bretanha defrontava uma ameaça maior. A batalha do Atlântico foi a expressão encontrada para resumir uma situação perigosíssima. Os ataques por submarinos e aviões à navegação mercante inglesa intensificaram-se e tomaram um vulto excepcional. Se não sucumbisse por um ataque directo, a Inglaterra ficava na iminência de se render pela fome. Há meses que a batalha do Atlântico dura. O seu ritmo inicial alterou-se. Embora tivessem deixado de publicar os boletins mensais de perdas, os últimos números revelados na Câmara dos Comuns pelo Primeiro Ministro são elucidadivos. A ameaça submarina atenuou-se em proporções que permitem os dirigentes britânicos encarar o futuro com tranquilidade e confiança, por esse lado. Em contrapartida os ataques de submarinos ingleses à navegação do «eixo», no Mar do Norte e sobretudo no Mediterrâneo, tomaram uma amplitude inesperada.

Afastado o perigo da invasão, vencida a batalha aérea, diminuída, em proporções tranquilizadoras, a campanha submarina, a Gran-Bretanha podia, no verão deste ano, orgulhar-se da eficácia do seu esforço e da tenacidade dos seus filhos. Um factor inesperado, a invasão da Rússia, veio fazer com que a guerra enveredasse por novas sendas. Os governos de Londres e de Washington estabeleceram uma colaboração estreita. A Inglaterra, um ano antes isolada defrontando corajosamente o vendaval da adversidade, tinha aliados, aumentara os seus recursos próprios, alargara a todo o mundo, com a fé inabalável nos seus próprios destinos, um prestígio que dificilmente será igualado.

Em Dezembro de 1940, como em Dezembro de 1941, é nos areais da Líbia que os seus soldados se batem. A ofensiva do general Wavell, como a ofensiva do general Auchinleck, visam a libertação do continente africano, elemento essencial na nova fase da guerra que se inaugurou em seguida à derrota da França. As forças imperiais, ao mesmo tempo que procuram destruir os meios materiais de que os seus adversários dispõem em África, o que obriga a uma tarefa demorada, projectam-se ousadamente, até o golfo de Sirte e aproximam-se de Benghazi numa dupla manobra de envolvimento cujos resultados começam a tornar-se evidentes. Em ano e meio a Gran-Bretanha deu ao mundo a certeza de que se encontra em condições de realizar os seus objectivos de guerra.

O OBSERVADOR

Um discurso

Pela primeira vez na história dos povos a assembleia mais representativa de um país recebe um representante de outra nação.

Churchill fala no Senado norte-americano. Poderíamos abstrair das palavras que proferiu, se elas não fossem, como foram, a voz da própria Inglaterra vibrando em unísono com o sentimento do povo americano, que o facto, só por si, definiria, com implacável eloquência, a unidade de conceitos, a afinidade de opiniões, a estrutura de uma certeza inabalável na condução futura da guerra.

Esse discurso ficará na história do actual conflito como símbolo para a guerra e para a paz, da decisão dos povos de origem inglesa de uma união indestrutível que, pelo substrato espiritual que a anima, deve produzir os melhores frutos para a defesa da civilização.

1942-1943



A guerra irá até 1943, deixou-o prever Churchill no Senado Americano. Será esse o ano da vitória. A Inglaterra e os Estados Unidos produzirão no decorrer destes doze meses, com os seus espantosos recursos, tais quantidades de material que nada lhes poderá resistir. Quere-nos parecer, porém, que o primeiro teatro decisivo da guerra será na Europa. E' no Velho Continente que os aliados vibrarão o seu golpe mortal.

A luta no Pacífico, começada pelos japoneses, ainda quando os seus delegados falavam de paz na Casa Branca, caracterizada de início por ataques rápidos, está degenerando numa guerra crónica, multiplicada por variadíssimas frentes, sem vantagens apreciáveis para o agressor. Ali, no Oriente, é em terra firme que o conflito será regulado, quando os exércitos chineses, no seu território, de colaboração com as forças inglesas e americanas tomarem a ofensiva.

A conquista de Benghazi

A campanha de Auchinleck prossegue vitoriosamente — fulminante e destruidora. As tropas do «eixo» retiram, encontrando tanto na sua frente como na retaguarda as divisões blindadas inglesas. Estas, convergindo imediatamente nos pontos onde elas se concentram, têm apreendido valioso material e aprisionado milhares de soldados. A ocupação de Benghazi é de uma excepcional importância. Servirá duplamente de base aérea e naval para o ataque à Tripolitania. E' de prever que, desta vez, a ofensiva das tropas imperiais terá como epítome a conquista de Tripoli. Não é sem razão que Virginio Gayda escreveu, há dias, que da batalha do Norte de África depende a sorte da Itália...

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA

Editor: ROCHA RAMOS

Propriedade de Mundo Gráfico, L^{da}

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogruva, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1850

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O PODER INVENCÍVEL DA AMÉRICA

OS ESTADOS UNIDOS EM GUERRA

Os Estados Unidos entraram, oficialmente, em guerra no dia 7 de Dezembro. É inútil pôr em relêvo a importância dêsse factor essencial para a decisão da luta. Quaisquer que tenham sido a natureza e as repercussões dos primeiros episódios que caracterizaram as hostilidades nipo-americanas, o que gira como facto incontroverso, para o presente e para o futuro,

é a realidade da intervenção americana.

Que elementos novos trouxe essa intervenção para o panorama geral da guerra? É possível enumerá-los, rapidamente, assim:

1.º Criou-se nos Estados Unidos a unidade nacional que, em circunstâncias diferentes, dificilmente se alcançaria;

2.º O presidente e a Administração

foram, rapidamente, investidos dos mais latos poderes para conduzir as operações;

3.º Mobilizou-se uma grande potência militar, em terra, no mar e no ar;

4.º Mobilizou-se a maior potência industrial do mundo, em matérias primas, instalações, pessoal técnico, especializados e mão de obra;



Os Estados Unidos estão a construir cinquenta mil tanques

5.º) Um dos continentes tomou partido na luta em que a humanidade se envolveu.

A unidade nacional nos Estados Unidos quer dizer o esforço unânime e entusiástico de 130 milhões de indivíduos capacitados de que é da independência e do destino da sua pátria que se trata. Esses cento e trinta milhões de indivíduos habitam um território particularmente favorecido e cuja posição estratégica vai influenciar o curso dos acontecimentos.

O presidente e a Administração foram, rapidamente, munidos dos mais latos poderes. Quere dizer que se criou o comando único capaz de pôr eficazmente em movimento todos os recursos da nação. Em pouco mais de uma semana foram decretados o serviço militar obrigatório e a mobilização da mão de obra masculina. Assim, os Estados Unidos podem chamar às fileiras dez milhões de soldados e pôr ao serviço da indústria de guerra cerca de trinta milhões.

Imediatamente entraram em operações um grande exército, uma esquadra poderosíssima e uma aviação de primeira ordem. Encontram-se actualmente incorporados nas fileiras (excluindo a Guarda Nacional) um milhão e quinhentos mil homens equipados e adestrados para fazer a guerra moderna. Desde que se iniciou a sua preparação, o Departamento de Guerra preparou algumas divisões blindadas, duas das quais foram já há tempo enviadas para as proximidades do Canal de Panamá.

No mar, os Estados Unidos dispõem desde já duma frota de guerra que totaliza mais de dois milhões de toneladas de unidades de todos os tipos e categorias. Possui mais de duas dezenas de navios de linha e de porta-aviões que são os maiores e os melhores que hoje sulcam os oceanos. Com esta marinha de guerra entrou em serviço uma valiosa frota mercante, a segunda depois da da Gran-Bretanha.

No ar, os Estados Unidos dispõem imediatamente de alguns milhares de aviões (um mínimo de quatro a cinco mil aparelhos) e duma aviação naval de primeira ordem. A aviação norte-americana é uma aviação de qualidade que tem provado já a sua superioridade durante o actual conflito.

Os Estados Unidos são a maior potência industrial do mundo. Para as construções de guerra realizou um tipo quasi perfeito de autarquia. As suas instalações encontram-se fora

(Continua na pág. 29)



A mobilização militar da América abrange quarenta milhões de homens



A sr.^a D. Genoveva Mayer Ulrich num dos salões do seu palacete

“A LUZ DUM VITRAL”

D. Genoveva Mayer Ulrich

FALA AO “MUNDO GRÁFICO,”

Sob a tímida pressão dos nossos dedos a campainha retine suavemente e logo se desenha na penumbra incandescente do vestibulo a figura austera do mordomo.

Declinámos a nossa identidade e êle, numa voz grave, acostumada ao ambiente silencioso, diz-nos:

— Tenha a bondade!

Junto ao fôgo onde as chamas parecem bailar aguardamos a chegada da Sr.^a D. Genoveva Mayer Ulrich. Os olhos percorrem a quadra que é um verdadeiro museu de arte, encontrando notáveis maravilhas. O tempo passa no quadrante do velho relógio inglês, que nos parece olhar com certa ironia.

Saber esperar é a primeira virtude do jornalista. Ouvimos uns passos. A nossa ilustre entrevistada entra no salão e o seu sorriso amável traz um perdão na demora. Vem de negro e a sua simplicidade conjuga-se elegantemente com o timbre dos seus gestos duma finura heráldica. «A' luz dum vitral» recorta-se a sua cabeça bela e serena. Uma voz de ritmo, evoca:

...«Falar de Londres como antiga embaixatriz é ir levantar na bruma um manto que cobre recordações flutuantes e já esbatidas».

«A mentalidade britânica, a multidão com a sua psicologia, os ingleses, em suma, não podem ser analisados pelos prismas por onde convergem os critérios continentais».

E prossegue:

— Entrei em Londres num indescritível dia de sol e durante trinta e dois meses desenrolou-se ante os meus olhos, num fulcro de esplendores fantásticos, os grandes painéis rutilantes da heráldica de St. James.

A ilustre escritora conta-nos depois um facto interessante:

— Ao chegarmos à capital do Império, seis dias antes da grande recepção na côrte, era quasi impossivel obter audiência para apresentar as credenciais.

S. M. o Rei Jorge V, porém, informado da circunstância, significou ao protocolo o desejo de que o embaixador de Portugal entregasse as credenciais mesmo em Windsor. E foi assim, que os representantes de Portugal desceram com tôda a côrte



A ilustre escritora conversando com o jornalista

inglesa e alta aristocracia do Reino Unido ao *garden-party* que se realizava nesse dia.

— Diz-se — e acrescentamos nós — que V. Ex.^a disfrutava de excepcional consideração junto de Austin Chamberlain?

— Rigorosamente, isso é um exagero, porém, em parte, significa a verdade — elucida-nos gentilmente a sr.^a D. Genoveva Mayer Ulrich.

O falecido primeiro ministro era, de facto, um modêlo do «gentleman» inglês! Tinha uma cultura que dominava todos os assuntos. Não era apenas um politico, mas um intelectual.

Lembro-me que, um dia, após alguns minutos de conversa na maior intimidade, lhe falei da mentalidade inglesa. Ele sorrindo, respondeu-me com bonomia:

— Sim, a nossa placidez engana... Os latinos zangam-se muito e por coisas pueris. Entre nós, é uma questão de disciplina e de civismo secular. É um esforço de muitas gerações. O inglês bate-se, mas não se zanga. Defende-se, luta ou sofre, mas não se irrita. Quando somos agredidos sem que nos dêem tempo de reparar imediatamente, esperamos, esperamos... até que possamos retribuir o golpe.

O velho relógio inglês dá discretamente horas. Está certo com as palavras que Chamberlain pronunciou quando começou esta guerra.



169 Este retrato de S. M. B. George III
He apresentado por
AUGUSTO FREDERICO
Sexto Filho de Sua Magestade, Duque de Sussex, Conde
de Ivernes, Barão de Arklow, Patrono do Azylo Naval,
Cavalleiro da Illustrissima Ordem da Jarreteira & & & &
A' Academia Real das Sciencias de Lisboa. 1810

UM QUADRO HISTÓRICO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

Retrato a óleo de Jorge III de Inglaterra, oferecido, como se lê na legenda, pelo príncipe Augusto Frederico, sexto filho do monarca, à Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1810, ano em que o Exército anglo-luso, sob o comando do general Wellington, duque de Ferro, derrotou as tropas napoleónicas na batalha do Buçaco

IMAGENS DA INGLATERRA

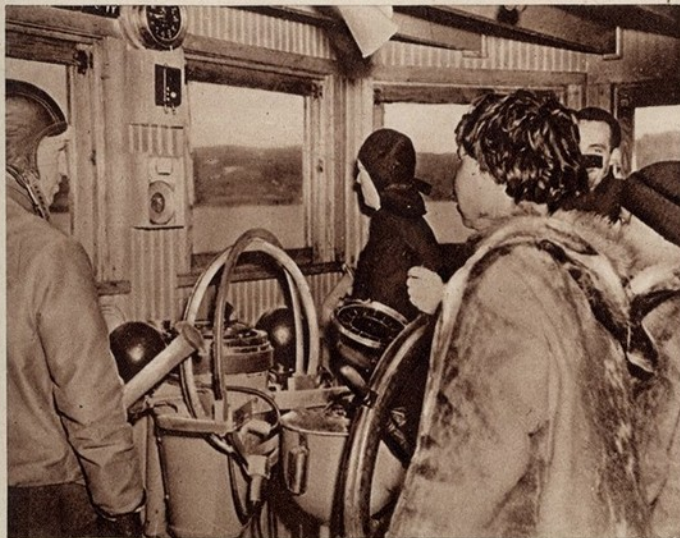


A união dos exércitos aliados. O general Sir Allan Brooke, comandante das forças imperiais na Gran-Bretanha, com os comandantes supremos dos exércitos polaco, checo e norueguês



Mc Crorie, filho do secretário honorário do do Club Inglês de Pôrto, que dali saiu para se alistar nas forças aéreas inglesas, descreve a Fernando Pessa, uma das suas brilhantes façanhas de guerra

Todos os ingleses trabalham pela pátria. Uma linda rapariga que conseguiu fugir de Bruxelas, depois da invasão, e que se alistou nos serviços auxiliares da R. A. F.



A Inglaterra e os Estados Unidos dominam o Atlântico. Num navio de guerra americano que patrulha o Oceano Ártico, um piloto esquimó



A Marinha de Guerra inglesa sulca vitoriosamente os mares. Uma vedeta anti-aérea que já tem feito bom serviço na Mancha



1942, O QUE SERÁ?

MADAME Argos, primeiro prémio de beleza do mais europeu dos países europeus, senhora de visão profunda e ampla sobre o presente e o futuro, recebe-me a mim, redactor do «Mundo Gráfico», contra o que eu poderia supôr, com ar carregado. Olho-a: bonita, duas sílabas de veludo rubi à volta dos cabelos, e, a fitar-me, sorridente, distinta, encantadora.

Espera sem dúvida que eu lhe diga qualquer coisa. Nada pergunto. E, então, ela interroga-me:

— Quere você saber o que será o ano de 1942, não é verdade?

— Obrigado, minha amiga. Foi por isso justamente que vim visitá-la nesta hora negra da hora derradeira de 1941. Agradeço-lhe que o tenha recordado.

— Está bem. Então, escute: desagrada-lhe que comecemos por Portugal? Não? Bem, bem.

Madame Argos, a maior vidente do mundo, olha a esfera que tem na sua frente, sobre uma mesa de vidro, fã-la girar docemente, e lança:

— Sabe uma coisa? Em Portugal, vai haver, em 1942, um número quasi insignificante de atropelamentos.

— Claro, em consequência do racionamento de gasolina...

— Acertou, sr. jornalista.

— E, sobre gêneros alimentícios: por exemplo, vão faltar as batatas e o açúcar?

— Hun! Talvez não... — Madame olha de novo a esfera, semicerra as pálpebras, concentra-se e, por fim, declara-me:

— A guerra, meu amigo, não é só para os que estão em campanha; mas também tem os seus reflexos nos países neutrais. Mas, mas, sobre esse caso dos gêneros alimentícios, em Portugal e, especialmente, em Lisboa, dir-lhe-ei que a esquadra de Santa Marta vai, em 1942, castigar muitos assambarcadores.

Passamos para outro assunto. Falamos de literatura. E, com um sorriso de braço dado com um bocadinho de coragem, atrevo-me a perguntar a Madame Argos:

— Teremos grandes novidades literárias em Portugal no próximo ano?

— Não, meu caro. Não teremos grandes novidades. Ou, então, as que já se conhecem noutras edições, é claro.

Sorriu-me. Depois, acendo um cigarro. Madame Argos sorri e parte, imaginariamente, por essa Europa fora.

A suas mãos agora parecem encontrar o globo luminoso, onde ela vê coisas que ninguém mais vê. Baixinho, murmura:

— Dentro dum ano haverá, para lá das nossas fronteiras, muitas mudanças!...

— Ah! Mas isso é muito interessante, Madame Argos. Então, a guerra vai acabar?

— Não. A guerra vai continuar.

— Oh! Que pena...

— Porque?

— Porque tenho um petiz, a quem estou a educar e a quem gostaria de ensinar uma geografia que lhe servisse para futuro.

— Sobre isso... — A linda Madame Argos olha de novo a esfera — o mundo — lê o futuro e, sinceramente, responde-me:

(Continua no p. 29)



A BORDO DE UM «HALIFAX», UM DOS PODEROSOS BOMBARDEIROS DA R. A. F. QUE TÊM MARTELADO DURAMENTE OS CENTROS INDUSTRIAIS DE GUERRA DO INIMIGO, VOANDO SOBRE BERLIM, HAMBURGO, COLÓNIA E OUTRAS CIDADES DA ALEMANHA. UM DÉSTES APARELHOS, NUM DOS SEUS RAIDS, ENCONTROU UM NAVIO MERCANTE ALEMÃO, ATINGINDO-O EM CHEIO



Os exercícios fazem-se com toda a realidade. A defesa anti-aérea faz fogo

OS "PILÕES" dos Pupilos do Exército

Em número alto da longa Estrada de Benfica, já no sossêgo arrabaldino dos muros côr-de-rosa, transpostos pela coroa de folhagens desgrenhadas; no bairro quieto, estático, onde repicam alarmes de carros eléctricos, onde zunem motores — mas se lobrigam vegetais, moínhos nos cômoros apartados e mesmo alguma rez mansa, de geórgica, atada a tronco musgoso de oliveira; ali, entre Cidade tagarela e Campo recolhido, germinou, prolifera e floresce há tempos, uma semente eleita.

Não só os torrões detentam úbere fecundidade; os designios, quando os alumia e aquece um astro pródigo e o suor de bem dirigidas canseiras os empaa, fertilizante — geram Obras como esta: doirada, alta e natural como girassol, timbrada qual um



O comando transmite uma mensagem com o heliografo, pelo sistema «Morse»

sino de tèmpera perfeita. Efectivamente, repica juventude, num contracanto chispado de clarins, e é, além disto, flor de promessa — o nome tão familiar e tão honroso: Pupilos do Exército. É assim o designar abreviado — pleno de sentido, contudo — do «Instituto Profissional dos Pupilos do Exército de Terra e Mar».

À expressão «pupilos» não corresponde, para o caso, o conceito rígido, codificado, de «tutela» — porque a própria palavra «Exército», sem ceder magestade e clangor metálico de bravezas, lima tôdas as arestas, dulcifica todos os gumes que não se traduzam em disciplina paternalmente aconselhada — mais do que imposta — e em sublinhado à noção immaculada de amor pátrio — quando figura nos umbrais desta Casa.

As ruas lisboetas, sempre amorosas do que



Brilham na parada os dourados dos uniformes e as lâminas das baionetas. Os Pupilos marcham impecavelmente



Ensaihar... armas! Cuidado com o alinhamento dos sarilhos, que o «nosso alferes» não gosta de «sarilhos»

lhes fica bem, do que se íntegra nêsse amor da Urbe, correndo, em sangue e seiva, por tôdas Elas — estimam os rapazes fardados de cinzento claro, a passeá-las, donos de uma gravidade não isenta de alegria, reflexo do tom dos uniformes. As suas janelas são olhos ternos de enlêvo, também quando êles se atavam de galas, em tardes de parada e nas barretinas lhes flameja o «plumet» decorativo e rico, sugerindo os cadetes de West-Point.

Mas o que Lisboa não conhece inteiramente é o organizado e moderno Viveiro onde o físico, a alma e as aptidões de tôda uma pleiade môça se cultivam, se vivificam e esplendem, há 30 anos, — desde 25 de Maio de 1911. A instrução militar, mais intensiva a partir da criação do curso de sargentos milicianos (em 40-41) — é ministrada igualmente aos alunos do curso industrial e aos do complementar de comércio. Dura, êste, quatro anos: demora cinco, aquêle. Saem do Instituto contabilistas, mecânicos de aviação, fabricantes especializados de material de guerra, condutores de máquinas e contrâmetros de oficinas. E esta sôlida preparação dá acesso aos cursos médios técnicos. Saem dali perfeitos, nobremente endurecidos no serviço das armas, todos iguais e, pela vida fora, vâ de relembrar saúdades, quando eram «pilões», que é assim que se chamam uns aos outros na gíria bizarra da escola. «Pilões» rígidis de carácter, verticais de

aprumo, com certo orgulho esbelto que fica bem na farda bonita e sempre honrada.

Artífices prestáveis, competentes, honram-se os Pupilos, porém, de estar incorporados na guarnição do Governô Militar de Lisboa; de poderem ser furrieis milicianos de infantaria; de figurarem, garbosos e galhardos, em todos os defiles para que receba também convocação o nobre Colégio Militar. (E agora cabe aqui o embutido desta observação: não sonhe, o leitor desprevenido, existir alguma ténue rivalidade ou interferência dúplice de quaisquer funções, nos dois estabelecimentos prestigiosos. Não. Os alunos do Instituto nem concorrem, com os seus cursos médios, a oficiais das armas, como os do Colégio, mas sim, e apenas, a oficiais dos serviços do Exército e da Armada).

.....
Lisboa profere, de bom grado e meigamente sorrindo, o nome genérico dêstes rapazes, cheios de uma alegria grave e fardados de cinzento.

Os Pupilos...

E, como alguns são órfãos, a Cidade maternal gostaria de figurar também na legenda: Pupilos do Exército... e de Lisboa!

R. de M.



Fogo! A granada do morteiro, que colabora na barragem, vai partir



No abrigo. A metralhadora ligeira, com o seu tic-tac nervoso, despeja rapidamente os carregadores



Um futuro oficial, em cujo olhar já se nota a energia do comando



A R. A. F. BOMBARDEIA COM ÊXITO A SICÍLIA



OS GENERAIS WAVELL E AUCHINLECK COMANDANTES SUPREMOS DAS TROPAS INGLÊSAS DA CIRENAICA



OFICIAIS ITALIANOS PRISONEIROS NA LÍBIA



UMA POSIÇÃO ITALIANA CONQUISTADA

A VITÓRIA DA LÍBIA



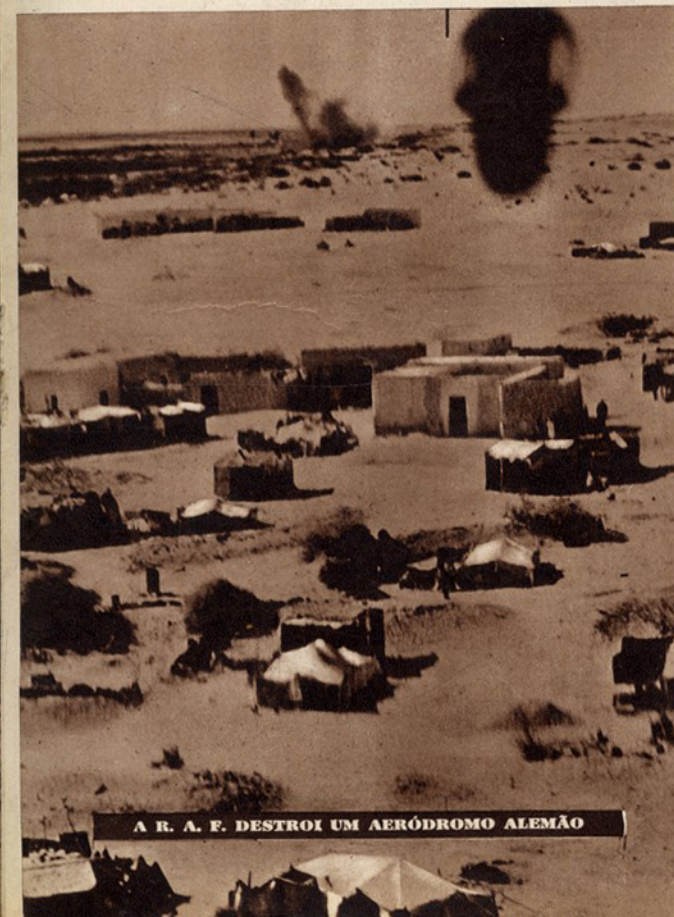
OS HEROICOS CONQUISTADORES DA CIRENAICA



ENTRADA EM DERNA. O MENSAGEIRO PARTE



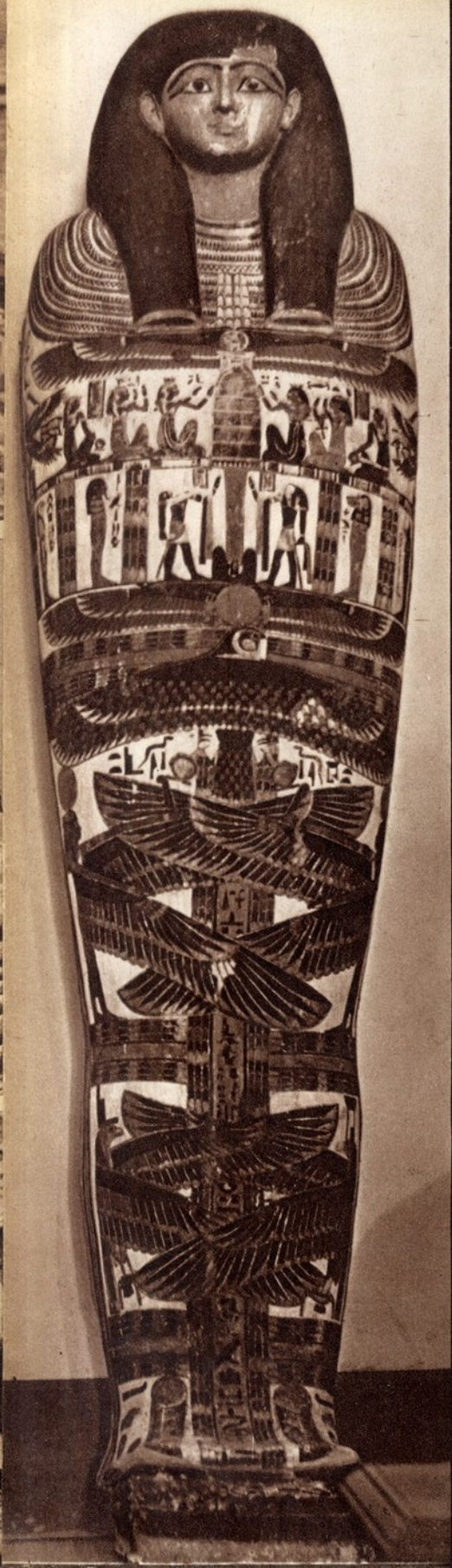
AS PATRULHAS IMPERIAIS NO DESERTO



A R. A. F. DESTROI UM AERÓDROMO ALEMÃO



PRISONEIRO ITALIANO INTERROGADO



Uma múmia do Museu Etnológico de Belém, oferecida pelos duques de Palmela



Os egípcios pobres não eram embalsamados mas guardavam-se as suas vísceras nestes vasos que representam os seus deuses

Faraós em Lisboa

O Egipto, civilização milenária, tinha, mais do que nenhum outro, o medo dos mortos, se pretendermos que a supremacia deve, logicamente caber ao país que, mais do que todos os outros, cuidou da sobrevivência dos seus defuntos.

Perpetuar a memória dos que foram ilustres, foi preocupação comum a todos os povos e a todos as civilizações, mormente às que constituem a antiguidade clássica. Perpetuar a memória, todos — repetimo-lo — o fizeram.

As múmias! Podemos, todos nós, vê-las no Museu Etnográfico, aos Jerónimos, mercê das dádivas magníficas dum duque de Palmela, e do Estado (oferecidas pela rainha D. Amélia) uma delas, identificada, pertencente a personalidade considerável e famosa da corte dos Faraós.

As múmias devem a sua existência ao espírito religioso dos egípcios. Segundo o seu conceito acerca da imortalidade, a alma só se salvava com o corpo: uma era do outro inseparável. E daí a cuidado no embalsamento; daí o ter-se convertido o embalsar, simultaneamente, numa ciência complicada e numa arte florescente.

Religiosamente discreateando, para os egípcios, a alma, como dissemos, não se salvava se o corpo se perdesse, quer dizer, consumisse. Havia a crença de que no Além, existia o Ká, quer dizer, o duplo do que morria. E, em obediência a essa exigência religiosa, cuidava-se, ao máximo, da conservação dos cadáveres. Procuravam, por todas as formas, com meticuloso cuidado e requinte de arte, conservar os restos mortais de todas as personagens egípcias que, em vida, tivessem sido grandes e omnipotentes.

Envolviam os seus corpos inanimados, de que se ausentava o sopro vital, num banho de natro preservador; banho que durava, pelo menos, um mês e que, nalguns casos, chegava a durar quatro.

Enchiam-lhes as cavidades do estomago com uma mistura de panos, sermim de madeira, ervas secas e natro moído. Tapavam-lhes os ouvidos, as narinas e a boca com uma massa perfumada. As vezes, tal o seu cuidado em evitar decomposições, substituíam os olhos verdadeiros do que desaparecera da vida por outros de esmalte. (E eram os egípcios habilíssimos na fabricação de esmaltes).

Múmias ficaram de personagens eternamente célebres como a de Tutankamon, de que a descoberta do seu túmulo, pleno de preciosidades, custou a vida ao célebre arqueólogo, ao osado, persistente egptólogo britânico, Lord Carnavon.

O Egipto não nos lega apenas a sua história, os seus monumentos, as suas tradições e os seus objectos de arte. Esse país, de areais infinitos e escaldantes, legou-nos também, quasi intactos, os seus mortos. Nesses areais, ingleses e seus aliados, lutam, actualmente, de armas na mão, em rijas e incruentas pelejas, que não serão um momento secundário da História. Nos areais do Egipto também, com sangue e heroísmo, se traçam, agora e duradouramente, os destinos do mundo.



O olhar eterno do Egipto

A LEGIÃO ÁRABE



Todos os povos da Arábia estão ao lado da Inglaterra. São dos soldados mais valorosos do Mundo para quem a guerra no deserto não tem segredos



A Índia tem hoje em pé de guerra um formidável Exército. Na outra, os efectivos ascenderam a quatro milhões; nesta, esse número já foi ultrapassado



A Legião Árabe está sob o comando do grande general Wavell. Mais de um milhão de soldados das tropas imperiais guardam o próximo Oriente. Uma patrulha de cavalaria no deserto



Uma divisão motorizada de árabes com metralhadoras "Levis", que actuou brilhantemente na campanha da Líbia



A infantaria motorizada parte para ocupar posições, numa coluna interminável. O camion venceu as grandes distâncias



ANO
NOVO
1942



Nos estaleiros, erguem-se já, com a sua complicada arquitectura, duas novas unidades da frota bacalhoeira

AS TARECENAS DE MESTRE MÓNICA

Na Figueira da Foz, que já tem uma das mais numerosas frotas bacalhoieras do país, estão a construir-se duas novas grandes unidades. Reapareceram os velhos estaleiros que mestre Mónica um dia transferiu para a Gafanha, em épocas menos propícias para o desenvolvimento da marinha mercante daquele porto da Beira Litoral.

Apesar das péssimas condições que a barra apresenta, dificultando seriamente a entrada e saída de barcos, até de peque-

na tonelagem, os armadores figueirenses ampliam cada vez mais uma das maiores fontes de riqueza para a economia daquela cidade.

Dois grandes lugres, capazes de transportar onze mil quintais de bacalhau, têm já concluída a primeira fase de construção, com todo o seu complicado cavername. Dir-se-iam esqueletos fantásticos de monstros apocalípticos que braveza do mar tivesse arrojado à praia com garas de gigante enfurecido e vitorioso.



Aqui continuam-se os velhos processos da construção naval portuguesa

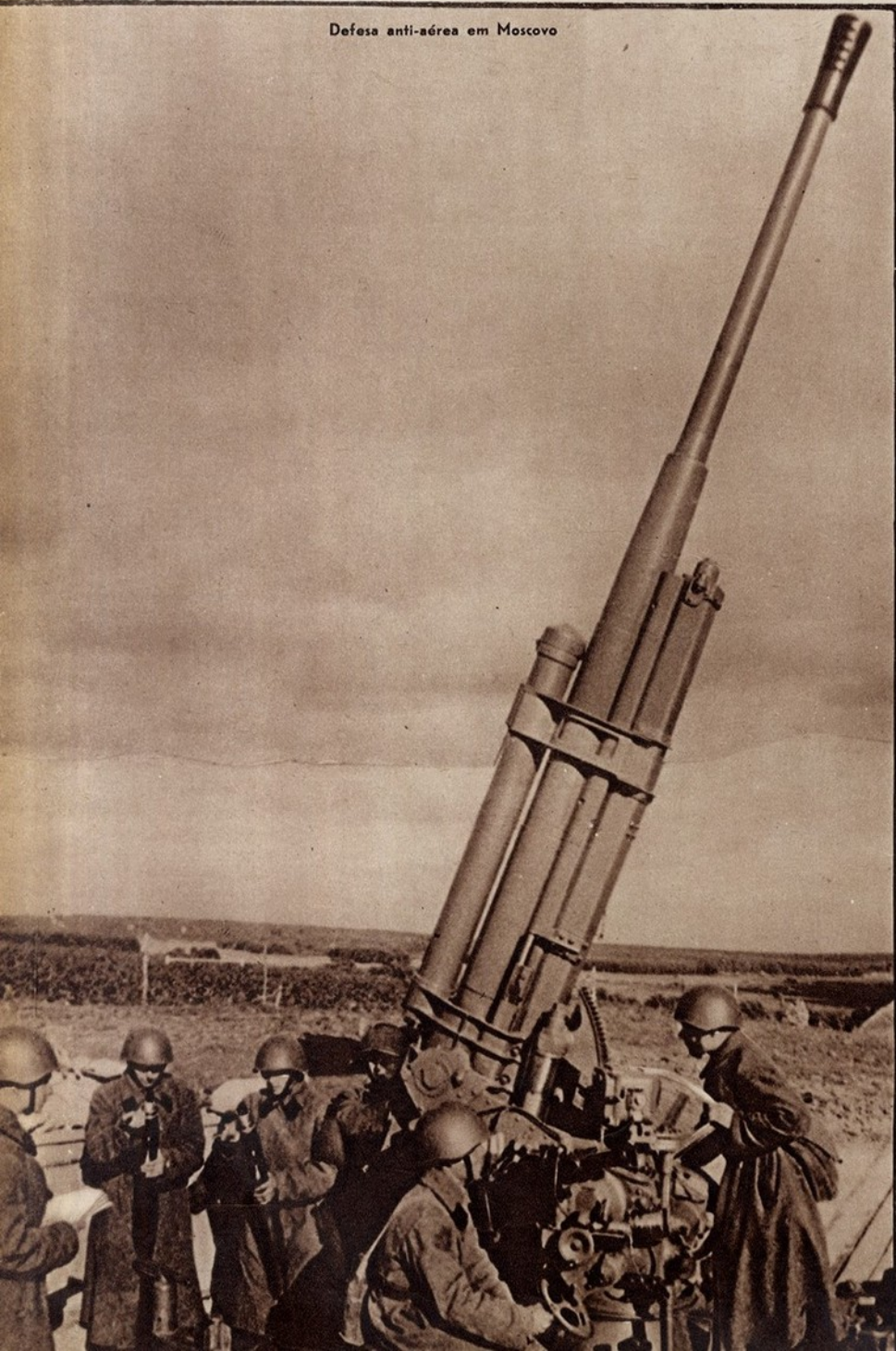


No ventre descarnado deste monstro gigantesco, os operários trabalham activamente no sólido cavername da nave

Campanha de Leste

A nova marcha das OPERAÇÕES

Defesa anti-aérea em Moscovo



No dia 7 de dezembro um comunicado oficial de origem alemã anunciava que a Campanha de Leste entrava numa nova fase. Os exércitos do Reich passavam da ofensiva à defensiva devendo esta manter-se até à primavera do ano próximo, data em que seria possível recomençar as operações. O comunicado acrescentava que o curso dessas operações ficava dependente do inverno russo.

Cêrca de duas semanas depois, a 20 daquele mês, o Fuehrer dirigiu um apêlo à população alemã convidando-a a privar-se mesmo daquilo que possuía, em matéria de abafos, para que aos soldados da frente russa não faltasse o necessário. O seu apêlo, qualificado de comovente pelas fontes officiosas de informação alemã, referia-se à urgência de serem enviados para as tropas os agasalhos e o calçado de que eles tinham, mais do que ninguém, necessidade. «Só o país inteiro, concluiu a proclamação do Fuehrer, pode proteger o exército contra o frio».

Uma outra informação de fonte neutral relacionada com o Reich, foi divulgada no mesmo dia 20. Referia-se, de maneira particular, no que se passou na Rússia meridional com o aparecimento do inverno. «O vento da Sibéria, — diz essa informação a que a imprensa deu publicidade, — começou a soprar gelando tudo na sua passagem. A neve cai fustigando os longos combôtos que tentam avançar para leste a fim de aprovisionar os combatentes. Os motores trabalham, dia e noite, para se evitar que gelem. Os homens, aconchegados uns aos outros sob encerados, procuram aquecer-se e, extenuados pelo cansaço, adormecem deitados no solo e vencidos pelo sono. As vilas e as aldeias que se atravessam estão em ruínas. É difícil descrever os sofrimentos dos soldados de tôdas as armas nesta campanha da Rússia meridional que se pensava que devia correr sob um clima relativamente clemente».

No dia seguinte, 21 de dezembro, o Fuehrer, que na véspera apelara para o concurso da população civil dirigiu-se aos soldados da frente apelando para a sua coragem e para o seu espírito de disciplina. «É necessário, agora que o inverno chegou, diz essa proclamação, transformar rapidamente a leste a frente de movimento numa frente de posição» mais adiante: «A missão dêsse exército é encurtar e defender, até à primavera, o que até agora obtiveram. Durante este tempo não esperamos da nova frente oriental mais do que aquilo que os soldados alemães já realizaram há vinte cinco anos».

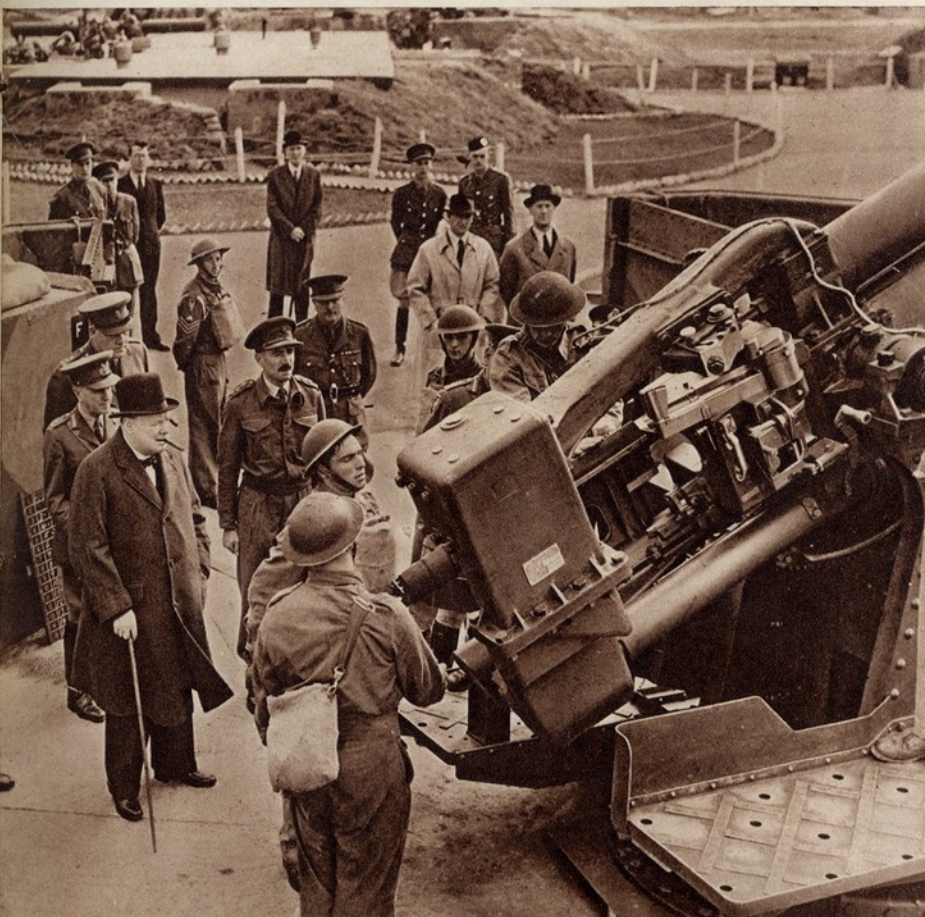
No mesmo dia 21 um outro comunicado oficial dava conta duma divisão capital para o prosseguimento da luta:

(Continua na pág. 29)

Memórias de Churchill

UM COMBATE
RENHIDO

Churchill entre os heróis da R. A. F.



O Primeiro Ministro visita uma bateria anti-aérea

QUATRO soldados levavam-no agora às costas, mas com dificuldade porque era muito pesado. De trás das casas surgiu uma meia dúzia de pathans que brandiam espadas. Os soldados que transportavam o pobre ajudante deixaram-no e puzeram-se em fuga. O chefe dos pathans precipitou-se sobre o cadáver e deu-lhe três ou quatro espadadeiras. Naquêlo momento, esqueci tudo. Veio-me o desejo de matar aquêlo selvagem. Tinha comigo uma espada de cavalaria bem afiada. A verdade é que eu ganhara medalhas nos campeonatos escolares de esgrima. Resolvi travar com o indígena um duelo à arma branca.

O selvagem viu-me chegar. Estava a vinte metros dêle. Pegou numa enorme pedra e lançou-a conta mim, com a mão esquerda, enquanto com a mão direita brandia a espada. Atrás dêle avançavam outros. Mudei de idéias, quanto ao duelo à espada, e puxei do revólver. Visei cuidadosamente e atirei, mas sem resultado. Atirei de novo, e ainda em vão. Atirei terceira vez. Não sei se o atingi ou não. Êle fugiu, a correr, e desapareceu por trás do rochedo. A fusilaria continuava. Olhei à minha volta. Ninguém! Estava só, no meio dos inimigos. As balas siblavam por tôda a parte. Cheguei ao primeiro montículo. «Hurrah!» Vi os «sikhs» que ocupavam o outro montículo. Fizeram-me sinais e, passados momentos, estava no meio dêles.

Era preciso percorrer ainda um quilômetro no contraforte antes de chegar à planície. Dos lados outros contrafortes desciam, igualmente, acompanhando a montanha. Não tardaram a ficar cheios de pathans que nos perseguiram e tentaram cortar-nos a retirada atuando, sobre os nossos flancos, dos dois lados. Não sei quanto tempo nos foi preciso para chegarmos cá a baixo. Sei que caminhamos com vagar, mas com decisão. Trazíamos seis oficiais e seis «sikhs» feridos. O transporte dos feridos ocupava vinte homens. Deixámos no contraforte uma dúzia de mortos e de feridos que acabariam por ser trucidados.

Durante a retirada armei-me com uma espingarda e as munições dum dos mortos. Dei trinta a quarenta tiros alvejando os pathans que estavam à esquerda, a oitenta ou cem metros.

Chegámos desordenados ao fundo do contraforte. Mas tínhamos salvo os nossos feridos. Eramos esperados pelas reservas da companhia e pelo tenente-coronel com algumas ordenanças. Instalámos os feridos. Os pathans estavam juntos em pequenos grupos e pareciam terrivelmente excitados.

O coronel disse-me: «O inimigo está próximo. É preciso que se apressem a auxiliar-nos. De contrário estaremos perdidos».

Preparava-me para partir a pedir auxílio, quando tive uma idéia. Imaginei a companhia dizimada e eu, ordenança do general de divisão, chegando, único sobrevivente, para anunciar o desastre e pedir socorro.

«Preciso duma ordem escrita», disse eu ao coronel. O coronel, de começo, pareceu surpreendido. Depois, vasculhou nas algibeiras, tirou um livro de apontamentos e escreveu.

Apesar do barulho e da confusão o capitão conseguira fazer cumprir as suas ordens. Tinha obrigado os homens da companhia a cessar fogo. Só atirariam, de futuro, com ordem sua. Ouvi-o ordenar:

(Continua na pág. 29)

FIGURAS E FACTOS



Uma enfermaria do hospital de Cascais oferecida pela colónia inglesa de Lisboa



Alguns dos naufragos do Cassequel quando desembarcaram em Lisboa




O chefe do Governo, sr. dr. Oliveira Salazar, pronunciando, na Assembleia Nacional, o seu discurso sobre os acontecimentos de Timor



O Chefe do Estado inaugura o novo hospital de Cascais



A sr.ª embaixatriz da Inglaterra visita um estabelecimento de caridade no Estoril



contra a guerra QUIMICA

Nem os canhões nem os aviões vencem a Inglaterra. No seu bloco de aço, ela desafia o inimigo com a certeza da vitória. Está preparada para tudo, até para a guerra química. O pessoal de um aeródromo inglês devidamente equipado para a extinção de fogos provocados por bombas incendiárias



Um serviço militarizado especial para a descontaminação dos alimentos em caso de ataques de gases



Uma visão que Welles julgou imaginária, mas que a guerra tornou real. Uma equipa de um avião da R. A. F. atravessa o campo, imunizada contra gases, levando os rolos de munições para as metralhadoras. Seja em que circunstâncias for, a R. A. F. voará sempre



Mesmo em caso de alarme de gases, a R. A. F. continua à sua heróica acção. Na hipótese do aeródromo ser invadido por tóxicos, os pilotos, com os seus fatos de amianto e máscaras, carregarão os aviões lançando-se no céu para a destruição do inimigo



Um penteado artístico, que um escultor célebre inspirou



Os primeiros caracóis



Os últimos retoques



O modéio do cabeleireiro

PAGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

A MODA

A moda parece muito simples, querendo contentar todos os gostos e correspondendo a tôdas as exigências da época — sóbria nos países em luta e mais fantasista nos outros.

Nos casacos, por exemplo, a diversidade é grande, do gênero alfaiate ao «ânfora» do vago e vasto à «redingotes». Corte *raglan* e quimono, encaixes de pele e costas trabalhadas, golas importantes ou sua ausência, pequenas capas e outras grandes, formando costas e metade em pele e metade em lã, na mais sábia e original combinação.

A saia para a rua é direita, tendo pregas ou plissados escondidos que só abrem ao andar, afim-de dar roda.

A saia do vestido de tarde é completamente diversa: a linha *tonneau* insiste em aparecer e também o *drapé* se vê muito, chegando, certas vezes, à originalidade de se levantar em baixo, levemente, deixando aparecer uma outra saia de côr contrastante — côr esta que se vai encontrar no corpo.

A saia do vestido de noite obedece também ao sistema do *retroussé*, com a diferença que chega até ao chão; vê-se também a túnica e a que é aberta ao lado. Algumas levantam à frente.

Alguns vestidos continuam a apresentar vários aspectos fantasistas pela mistura de côres e também pelo movimento que lhes dão certos detalhes representados por: aventais, tûnicas, altos cintos *corselets*, fechos colocados ao lado, de forma original, mangas largas e tufadas, encaixes de renda ou fitas, etc.

Quanto aos chapéus, continuam a ser graciosos e imprevisivos, tendo as abas pequenas e as copas altas. O *cache-nu-*

As crianças que não gozam as horas de sono que lhes competem, são mais doentes do que as outras.

Aqui está a quantidade de sono que lhes é necessária:

2 anos	— 18	horas
3 »	— 14	»
4 »	— 12	»
6 »	— 11	»
9 »	— 10	»
12 a 14 »	— 9 a 10	»
14 a 21 »	— 8 a 9	»

Desculpas que não pegam

Disse Brillat-Savarin que a mulher, para agradar ao marido, tem que lhe passar pelo estômago.

Não quero dizer que leve a vida na cozinha, mas leia menos um romance e consulte mais um livro de culinária, experimente menos uma receita para tornar as mãos brancas e mais um aceite tendente a abrir-lhe o apetite.

E ficará feliz quando êle, depois de muitas experiências infrutíferas e desilusionantes, lhe disser:

— Mas é delicioso este prato! Foste tu que o fizeste?



A saia «tonneau», que impera na última moda

CASA QUEY

Hosiery Spécialists

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE

R. SERPA PINTO, 18

que envolve o cabelo. Nos feltros, os véus dão a nota de leveza e ainda os pássaros, as asas e as plumas. Também as peles aí tem o seu lugar marcado: a raposa prateada e o visou são trabalhados com tal pericia que formam chapéus encantadores.

As crianças precisam de ter as suas horas de sono

A's vezes, fico indignada quando vejo crianças no teatro — estavam tão bem nas suas caminhas!

PAGINA FEMININA

● *O meu marido não consente que eu me pinte.*

O que não é motivo para andar a manhã toda sem se pentear, de chinelas, meias torcidas, roupão desbotado, avental horrível e unhas não cuidadas.

Ele diz isso, mas se vê uma mulher bem cuidada, ficam-lhe os olhos nela.

Comece a pouco e pouco: hoje um pouquinho de *rouge*, amanhã um vestido elegante, depois a cinta e o *soufflé*, em seguida a *mise-en-plis*, depois o perfume e finalmente o *báton*, a contornar a boca.

Terá uma cena?

Terá mesmo dez, mas, no fim, ele não poderá já vê-la sem estar preparada e terá orgulho em reconhecer que é a mais bonita de todas.

● *Não temos nada que dizer um ao outro.*

Depressa, risque estas palavras, combata o estado de es-

pirito que as fez nascer — e interesse-se.

Interesse-se pelo seu trabalho, pelas notícias dos jornais que discutirá com ele, pelas gravatas, pelo tempo, pelas suas predilecções e manias.

Interesse-se! Olhe que está tudo perdido, quando ambos passam à categoria de móveis: a poltrona onde ele se senta, o cofre onde ela, todos os meses, vai buscar dinheiro.

Não seja mais imprudente do que os seus pequenos

— Para que lhes mostrar a caixa dos bombons? Não largarão enquanto não os comermos todos.

E depois? — Médico.

— Soube que, na quinta, eles roubaram fruta ao vizinho antipático que não pode ver.

Ralhou-lhes mas com certo ar de riso. — Acha bem?

— Obrigou-os a estudar até alta noite porque, de dia, quis que a acompanhassem *à matinée*. — Francamente...

Mercados portugueses



As feiras do Norte com a sua alegria e o seu pitoresco são dos mais belos quadros ruralistas da nossa terra



A feira acabou, mas o lindo «menino Jesus» no seu presépio de verga, espera ainda um brinquedo

O Olho Mágico

revolucionaria as
côres de pó



Experimente
V.Ex.^o
Estas Novas
Côres Mágicas



Acabaram-se as [manchas de pó que a fazem parecer mais velha do que na realidade é! Leia, à esquerda, os conselhos duma Especialista de Beleza

Nove mulheres em cada dez empregam uma "nuance", de pó d'arroz que não lhe convém. Obtêm assim uma aparência "maquilhada", artificial, que as faz parecer mais velhas do que na realidade são. Uma nova máquina admirável, o Cromoscópio, revolucionou as côres do pó de arroz. Tal como um olho mágico, revela nas "nuances", de pó tonalidades de que nem sequer se suspeitava a existência. Permitiu aos Químicos de Tokalon misturarem racionalmente muitos tons naturais. Conjugam-se com a pele — pare-

cendo fazer parte dela. Acabaram-se as desagradáveis manchas de pó! Experimente hoje mesmo as "nuances", mágicas do Pó Tokalon. Tenha a beleza radiosa, ave-ludada, de aparência perfeitamente natural, que só os verdadeiros tons naturais Tokalon podem dar.

O Pó Tokalon encontra-se à venda em todas as perfumarias aos preços de 5\$00, 9\$00 e 13\$00. Não encontrando, escreva à Agência Tokalon — 88 — Rua da Assunção — Lisboa — que atende na volta do correio.

CRIME LENTO NA PENSÃO=ALZIRA

NOVELA DE RODRIGO DE MELLO

A vida era lóbrega em si própria, côr de cêdea de brôa no terrunho, nas fachadas no-dontas, na corcêdoa epidêrmica dos habitantes; antipatiquíssimos.

A vila era também odiosamente ridícula em sua designação: *Carvalheira-de-Diospiro!!!*

A vila era-me, acima de tudo, detestável porque fizera de mim um vago funcionário de não sei que vaga função onde apenas avultavam, *concretos e temerosos*, a máquina de escrever sobre a minha mesa e centenas de cartôezinhos que me haviam sido facultados para êste fim assombroso: organizar um *ficheiro!* Pôr em ordem um *arquivo!* Ainda hoje não sei de quê... E, principalmente, não sabia como — porque não há dactilógrafo pior, nem feito menos compatível com a ciência dos verbetes arrumadinhos do que eu. Lisboa ficava longe. Em Lisboa — os meus e a minha... que me levaram a aceitar aquele emprêgo irrisório. Nunca tinha visto chuva tão lúgubre e copiosa! Sem descontinuar, desde a chegada e a tomada-de-posse, iam cumprir-se quinze dias! Aqueles seres — nem espirravam constipações!... E eu, alarmado de *pontadas* e *calafrios*, a «*typewriter*», os cartôezinhos, um empregadinho velhacamente solícito... e o zunir selvagem de várias correntes de ar. Padecia como um exilado em zona de mosquitos e turfeiras! Vim-me embora, sem cobrar cinco-réis e quasi morto. Talvez as correntes-de-ar e as saúdes (além da máquina e dos papelinhos) ajudassem...

Mas o meu assassino fôra o dono da *Pensão-Alzira*.

Chamava-se *Jota* (assim mesmo, por extenso, sem se tratar de inicial ou de dança saragoçana) o pavoroso maníaco, proprietário da casa-de-hóspedes única em *Carvalheira-de-Diospiro*. Sr. Jota Guilherme! Gabava-se de dar muita comida e muito azeite por pouco preço. Era verdade quanto à comida; não existia uma banheira e ainda os percevejos não acompanhavam as insônias porque era inverno — e do dilúvio. Contudo, o Teles, das Finanças, que metera conveisa comigo no segundo almôço, prometia-os, vastos, para quando aquecesse. E suspirava, muito fatalista, o comunicativo profeta, colaborador assíduo do «*Farol de Carvalheiras*» que, segundo ele, agradeceria uma gazetilha da *minha lava*. Propuz começar quando a Primavera trouxesse florinhas às árvores carvalheirenses e insectos às alcovas. Agradeceu, tal como o *Farol*.

Alzira era a esposa do senhor Jota; Alzira, a filha de

ambos; o baptismo da pensão justificava-se bisadamente. O próprio edificio também constituía um *bis...* Assim: a primitiva sêde fôra considerada exigua; Jota comprara a casa vizinha, tão côr de cêdea como a outra, para lá instalar mais uns tantos quartos, de que o pior era o meu, malquerido por todos e tolerado por mim, visto nenhum outro estar vago quando cheguei.

Ora, acontecia que a sala-de-jantar se implantava na parte mais antiga; o cochicho de dormir enconchava-se-me

meu trabalho — *sô encontrado* no recanto *perdido...* — tudo se transformou em dor de solidão e desamparo, em volta a mimalhice de colegial choroso no internato — quando a porta do quarto se fechou e a grande mala de roupas dispostas por minha Mãe, foi a única *familiaridade* do cubículo nú, reservado e hostil como o presidente, o tesoureiro e os vogais.

Os dentes batiam-me de friagem. O fato era uma sôpa — visto não me haverem tornado possível resguardar-me com a

Teles (ainda não lhe sabia o nome, então) que friccionava as solas na esteira, com vagar, na curiosidade de examinar-me.

E fui para a mesa, *dubidosa* de toalha, reles de loiça e talheres — com uma azedíssima vontade de chorar!

Sô não posso exprimir que tudo me *«correu»* mal nas duas semanas — porque nada *«corria»*, nem o tempo, que em geral vôa; antes direi que as horas roncoceiras, a chuva nos vidros, o rio ludro e o azeite na galheta esbeçada da Pensão — tudo *«escorria»* gorduroso tédio. Chegavam-me cartas com a tinta borrifada de lágrimas. Entretanto, na vila, a minha reserva de deslocado, fazia-me aborrecido a todos (mesmo à Alzira-filha); o empregadinho, meu subalterno, olhava-me com censuras de juiz mudo, pois não me ouvia ordens nem encargos e a tarefa não avançava um passo.

Na véspera de eu fugir, o Teles — que se passara para a minha mesa — confidenciou, pleno dos olhares pávidos, das interrupções timoradas dos conspiradores nos melodramas:

— *«Dava uma novela impressionante a mania d'êste Guilherme! E' gaseado, não sei se o doutor já reparou. — Mas o doutor — eu — não o era em medicina. E deixou-o avançar na revelação:*

— *Sofre do horror à água. — Foi mordido?! — alarmei-me.*

— *Não, senhor. Traz uma bala na cabeça desde a outra guerra. Onde está água, vê sangue. Nunca se lava, nem assiste às refeições. Quando vai para a mesa, escondem os jarros. Não entra nos quartos, medroso de avistar a garrafa e o copo às cabeceiras. Reparou que não há uma tina para banhos, nem uma celha para os trapos? Os trapos vão a lavar fora; a gente procede como êles: vai ao ducho do hospital...*

— *E' o que tenho feito. — Por isso é que o homem não deixa pendurar ali os agasalhos, no cabide!...*

— *Compreende-se... Vê-os a escorrer sangue!...*

No silêncio imediato, senti-me transtornar. E chegou um instante de escuridão plena ao meu cérebro, quando o Teles frisou:

— *No inverno é um horror! Não dá conta que as portas de madeira das janelas se não abrem nunca — e almoçamos com luz? Ele tem crises, com as bâtegas!...*

Fuji. Trazia uma pneumonia — e lego êste aviso a quem passar por *Carvalheira-de-Diospiro*, em tempo de chuva.



na *menos antiga* — que, por sinal, era *mais idosa* e *escalarvada*... E não haviam comunicação interior.

(Parecerá fútil minúcia, mais alojável em novela policial, a presente descrição do habitáculo; mas não, porque a ampla, nos resultados, a tara singular do senhor Jota Guilherme).

Prevenidos por telegrama, esperavam-me, rudes de acanhamento, mas frios de desconfiança, os homens que eram tesoureiros, presidente e vogais da engrenagem a secretariar por mim. A anestesia com que me despedira da capital, num desagregar inerte de hábitos e relações; a emoliência nas dez horas rodadas em «*camionettes*»; a ânsia de *bastar-me* em moedas ganhas por

gabardine à saída da sala-de-*comer*... e eu ter apanhado, no desabrigo do fato leve, as cordas de aguaceiro feroz — entre aquela porta e a da escada torpe do anexo onde dormiria (?).

No vestíbulo do refeitório existia, é certo, um bengaleiro. Junto a êle, por sinal, falara, eu ao patrão da casa, que nem se levantara da cadeira de junco — senão para berrar, berrar pela creada, quando me viu pendurar o chapêu e o impermeável:

— *«Lúcia! Lúcia! Leve isto d'aquél Depressa! Para o quarto vago. O' Lúcia! Mexa-se, mulher!»*

Ao pasmo, assustado pelo despautério, acrescente-se a detestável pronúncia regional — e um dente, enorme, único, obcecante, na bôca escura do senhor Jota. Notei o sorrir do

OS E. U. NA GUERRA

(Continuação da pág. 8)

do raio de acção do inimigo, estando a coberto de quaisquer ataques pelo mar ou pelo ar.

Finalmente, há que considerar as repercussões políticas e diplomáticas da entrada dos Estados Unidos na guerra. As conferências de Havana e do Panamá esboçaram as linhas gerais da solidariedade continental no Novo Mundo. Já várias repúblicas hispano-americanas declararam oficialmente guerra ao Japão. Está marcada para este mês a reunião no Rio de Janeiro duma terceira conferência em que a solidariedade continental esboçada encontrará forma e expressão adequadas à fase actual da guerra.

No Atlântico e no Pacífico, na Europa e na África a intervenção dos Estados Unidos fez-se sentir, desde já, de maneira impressionante. Mas é no futuro que essa intervenção se tornará decisiva dada a posição, a importância e a decisão da grande república norte-americana.

1942, O QUE SERÁ?

(Continuação da pág. 12)

— Ensine a esse seu pequeno a geografia que você aprendeu, quer dizer, aquela que você mesmo aprendeu aí por volta de 1918. A guerra vai continuar, como já lhe disse, mas acabará mais depressa que muita gente supõe. E, quando ela acabar, a geografia — garanto-lhe — será ensinada como era antes deste maldito conflito.

Ouve-se o grasnar duma campainha. Pouco depois, aparece a criada egípcia de Madame Argos e diz-lhe que está à porta o naufrago dum navio inglês.

É o seu último cliente de 1941?

— É — responde a linda vidente. — Também êle quer saber o que vai ser o ano de 1942.

— Vou dizer-lhe que a chave da vitória está nos mares e nas estrélas...

A CAMPANHA DE LESTE

(Continuação da pág. 22)

«O Führer, embora prestando homenagem aos méritos do marechal von Brauchitsch, resolveu reunir nas suas mãos a direcção das forças armadas do Reich e o alto comando do exército. O comunicado que dava conta desta decisão accentuava que ela se tornava «inevitável» no momento em que a campanha de leste tomou proporções até agora desconhecidas.

Deste conjunto de informações, de origem alemã, resulta que é propósito dos dirigentes do Reich estabelecerem a frente oriental por um período de

quatro ou cinco meses até que as dificuldades actuais possam ser removidas. Os russos, por seu lado, procuram aproveitar esse período para conduzirem a guerra de movimento até às últimas consequências que as suas forças e recursos actuais permitam, convencidos de que, beneficiados pelas condições particulares do clima, têm o maior interesse em não deixar que o adversário repouze ou consiga refazer-se. A' contra ofensiva que iniciaram nos primeiros dias de Dezembro na frente do Cáucaso, libertando Rostov, seguiu-se, ao longo de duas semanas o desafiamento da capital (7 a 21 de Dezembro). Simultaneamente o comando soviético desencadeou uma acção de envergadura ao longo da linha defendida pelas tropas finlandesas e no sector de Leninegrado e resistência na Crimeia aos ataques alemães.

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

(Continuação da pág. 23)

«Fôgo de pelotão. Atirar!» Uma dúzia de pathans caiu. Seguiu-se outra salva. Os indígenas hesitaram. A terceira salva começou a retirar para a colina. O clarim soou. Era a ordem de carregar. Os soldados exultaram. A crise tinha passado. Santo Deus! Era o momento em que chegavam reforços para nos auxiliar.

Deixámos expandir a nossa alegria e almoçámos com apetite. Mas não estávamos ainda no termo das nossas dificuldades.

Chegados os reforços resolvemos retomar o contraforte de que fôramos expulsos a fim de reconquistar o nosso prestígio e recuperar o corpo do ajudante. Esta tarefa ocupou-nos até às cinco horas.

O acampamento estava rigorosamente vigiado. Nós restavamos as forças perdidas enquanto à nossa volta se ouviam tiros isolados. Assim passaram duas horas. Mas onde estava o general? Sabíamos apenas que levava com êle, além da bateria, metade duma companhia de engenharia e dez oficiais brancos. De repente chegou-nos, do fundo do vale, o ruído dum tiro de canhão. Devia ter sido disparado à distância de três milhas. Foi seguido, a curtos intervalos, por outros tiros. Depois reinou o silêncio. Que se teria passado? Contra que alvo disparava, no meio da noite, a artilharia do general? Parecia-nos que estava a atirar à queima roupa. Estava em contacto com o inimigo? Ou os sinais eram pedidos de socorro? Deviamos correr em seu auxílio? Os voluntários não faltavam. Os oficiais mais antigos reuniram-se. Como geralmente acontece quando as coisas não correm bem, dispensaram-se as formalidades. Assim me misturei na discussão. Foi resolvido que nenhum contingente deixaria, de noite, o acampamento. Enviar tropas, a pé, no negreume da noite, por entre armadilhas e obstáculos, seria provocar um novo desastre. Além disso as forças que guarneciam o

acampamento ficariam enfraquecidas, facilitando-se o ataque do inimigo. Era preciso que o general e a bateria se aguentassem até ao romper da manhã.

Quando regressámos ao acampamento, o general, pelo heliógrafo comunicou com Sir Bindon Blood, que estava em Nawagai. Sir Bindon e o grosso das nossas tropas tinham também sido vítimas de ataques de certa gravidade na noite anterior. Tinham perdido centenas de animais e vinte ou trinta homens. Sir Bindon deu-nos ordem para ficarmos no vale do Mamund que devia, como represália, ser pôsto a ferro e fogo. Foi o que fizemos, no meio de grandes precauções. Começámos a destruir, sistematicamente, as casas de cada aldeia, a destruir os poços, a fazer saltar as torres, a cortar as árvores, a queimar as colheitas, a inutilizar os reservatórios, semeando a devastação por toda a parte. Enquanto nos limitámos às aldeias da planície a coisa foi bem. Os habitantes, do cimo das colinas onde se tinham refugiado, contemplavam, silenciosos, a destruição dos seus lares e dos seus meios de existência. Quando foi preciso atacar, de flanco, as aldeias da montanha, resistiram furiosamente. Perdemos dois ou três oficiais ingleses e vinte ou trinta soldados indígenas. Ao fim de quinze dias o vale estava transformado num deserto. A nossa honra estava salva.

Quando sofrer de INDIGESTÕES



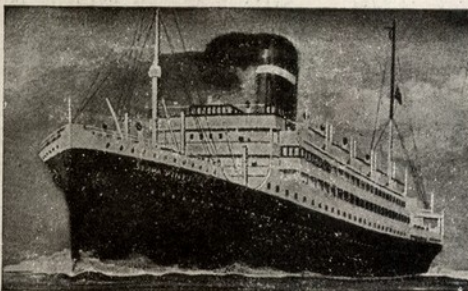
CHUPE-AS COMO BOMBONS
E A DÓR DESAPARECE EM 80 SEGUNDOS

É sujeito, a indigestões? Este sofrimento não esperará a sua chegada a casa para se fazer sentir. Vem de repente — depois de comer, na rua, no cinema, no teatro.

Precisa pois das Pastilhas Rennie. Bastará dissolver, duas pastilhas Rennie, na boca, para a dor desaparecer em 80 segundos. Não carece de água para as tomar. A saliva servirá de veículo aos seus componentes, que conservarão toda a sua actividade até chegarem ao estômago.

Rennie actua de três maneiras diferentes. Contém anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que activam a digestão. As Pastilhas Rennie são usadas e recomendadas por 1.198 médicos ingleses. Todas as farmácias as vendem.

OS PAQUETES da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPA PINTO"

PAQUETES

«Serpa Pinto»	8.267 T.
«Mouzinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Belo»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

VAPORES DE CARGA

«Pungue»	6.290 T.
«Malange»	5.050 »
«Lobito»	4.200 »
«Sena»	1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

PARAMENTOS INGLESES



A dalmática de paramento com as suas aplicações multicolores

NA sé de Portalegre, existe, entre os seus objectos preciosos, um paramento inglês de pontifical, que, segundo reza a tradição foi oferecido a essa igreja pela filha de Joana-a-Louca, de Castela, que em 1525 casou com D. João III de Portugal.

A tradição, que não é mais do que a história muita vez transformada em poesia e que não raro amolda a seu belo prazer a veracidade histórica, desta vez não anda longe da verdade.

Fazendo entrar em cena os eruditos, verifica-se que o Tratado da cidade de Portalegre, manuscrito de 1619 do padre Diogo Pereira Sotto Mayor, ao tratar da Sé, faz referência a esse paramento e diz ter sido dádiva do primeiro bispo de Portalegre.

A primeira vista, parece que história e tradição estão em desacôrdo, mas, sabendo-se que D. Julião de Alva era o capelão-mór da rainha D. Catarina, nada mais verosímil do que esses objectos do serviço do culto, que lhe tenham sido oferecidos pela soberana e depois por êle doados à igreja da sé, tivessem ficado conhecidos pelo paramento da rainha D. Catarina. A tradição esqueceu o nome do verdadeiro doador, porque, de certo, mesmo quando ainda em pertença pessoal do bispo, ao aparecer em público, três vezes por ano, o seu veludo encarnado com seus bordados maravilhosos, todos os frequentadores das cerimónias religiosas em que figuravam as suas capas de asperges, as sanefas e o frontal tão cheios de arte e sumptuosidade, sabiam bem havia servido o paramento da rainha.

Dado ao bispo ou dado à igreja, de todo o modo fôra a rainha que o ofertara e foi essa a tradição que ficou.

No pano do púlpito existe um braço de armas hoje em grande parte estragado pela acção do tempo. Mas os eruditos quando resolvem investigar não recuam perante horas de pacientes estudos e, assim, tendo a Academia Nacional de Belas Artes mandado fazer o Inventário Artístico do nosso país, o director dêsse inventário no distrito de Portalegre reconstituiu o braço de armas e acabou por verificar ser êsse o braço da rainha Joana-a-Louca, de Castela e Leão, casada com Filipe o Formoso, filho do imperador Maximiliano de Austria.

Pelo braço conclui que o paramento deve ter sido feito entre 1504 e 1506, ano em que faleceu Filipe o Formoso.

Joana-a-Louca tinha por irmã Catarina de Aragão, que casou em 1501 com o príncipe de Gales, Artur, filho de Henrique VII, a qual, tendo enviuvado, casou depois com seu cunhado Henrique, mais tarde o rei de Inglaterra Henrique VIII. Ora quando Joana e Filipe o Formoso, já então reconhecido como rei, embarcaram na Flandres para Espanha, em 1506, a nau em que viajavam naufragou na costa de Inglaterra e Joana per-



A casula com o sebasto em cruz e o crucifixo ladeado por anjos turbulários

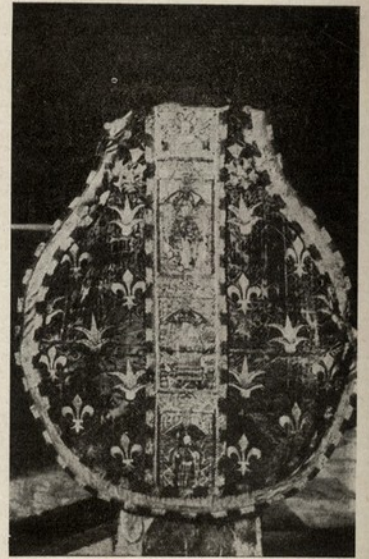
maneceu mais de dois meses nêsse país.

Deve ter sido nessa ocasião que o paramento foi feito, pois o seu estilo é caracteristicamente inglês dessa época, havendo um semelhante no museu Victoria and Albert, de Londres.

Supõe-se que a rainha de Castela o tenha destinado a sua irmã Catarina de Aragão e lho tenha dado. Mas quer ficasse em Inglaterra e mais tarde viesse para Espanha, quer Joana-a-Louca o tenha trazido consigo, o que se julga certo é ter sido sua filha D. Catarina quem o trouxe para Portugal.

E, assim, o estudo do erudito director do Inventário Artístico no distrito de Portalegre sobre a edificação do braço, a tradição local, o velho manuscrito do padre Diogo Pereira Sotto Mayor e alguns santos particulares do agiologio britânico e que figuram na sua decoração, tudo o ilustre critico de arte Luis Keil conjuga num valioso artigo do Boletim da Academia Nacional de Belas Artes, para nos dar a história do velho e artistico paramento inglês que há quatro séculos constitui uma preciosidade da sé de Portalegre.

G. de Oliveira



A capa de asperges com o veludo coberto de variadas decorações

L. C. SMITH

A MÁQUINA DE ESCREVER

MODELO COMERCIAL

mais perfeita

da actualidade



CORONA

OS MODELOS PORTATEIS

mais populares de todo o mundo

PREÇOS DESDE ESC. 1.200\$00

TRÊS MILHÕES DE MÁQUINAS

SMITH e CORONA

EM CIRCULAÇÃO!!!



Distribuidores Gerais em Portugal: Sociedade de Comércio Internacional, Ltd.

LISBOA — Rua de S. Nicolau, 113 — Telef. 21578

Agentes no Norte: Ramalho e Silva, L.da

PORTO — Rua Cândido dos Reis, n.º 117/119.

CINEMA

ENTRE NÓS...

● A secção cinematográfica, de estudo e propaganda, do Ministério da Agricultura acaba de concluir dois esplêndidos filmes culturais: «O mosquito, inimigo do homem», que foi manivelado pelos operadores Manuel Luiz Vieira e Aquilino Mendes; e «A Vida do Linho», que foi fotografado pelo primeiro. Cada um destes filmes tem cerca de seiscentos metros. A realização pertence a Adolfo Coelho.

● A próxima realização de Jorge Brum do Canto é uma comédia. Os trabalhos de filmagem não podem começar antes de Março, devido a estarem em curso, no mesmo estúdio, outras películas. A comédia intitula-se «Camisa de onze varas».

● João Bastos e Fernando Fragoso terminaram a adaptação, à tela, da engraçadíssima comédia, da autoria do primeiro, «O Costa do Castelo», que vai ser interpretada por António Silva, Maria Matos e Tereza Casal. A câmara foi confiada às mãos hábeis de Aquilino Mendes.

ACTIVIDADE BRITÂNICA

● A Warner Bros prepara nos estúdios de Teddington, em Londres, a filmagem de «Fortaleza Volante».

● Uma importante firma produtora projecta realizar um filme sobre a actual guerra, no qual espera reunir Gary Grant e David Niven.

● Encontra-se em Londres, o realizador brasileiro Alberto Cavalcanti, que ali tem consagrado a sua actividade à produção de documentários sobre a guerra. Entre outros seus projectos, que abrangem a feitura de filmes sobre a Imprensa Inglesa e Aviação Naval, Cavalcanti pensa deslocar-se à África, num dos próximos meses, a fim de realizar um grande filme intitulado «A Revolta da Abissínia», o qual, como outros da sua autoria sobre o actual conflito, conjugará a ficção com a realidade.



Ginger Rogers, a admirável intérprete dos «Amores de Joaninha»



Os irmãos Marx, segundo informam de Hollywood, vão abandonar o cinema. Antes, porém, vê-los-emos em «Os Marx no Far-West»



Anna Lee, uma das mais talentosas vedetas inglesas actualmente em Hollywood sob contrato da R. K. O.

MUNDO GRÁFICO



As
forças imperiais
britânicas
ganham
valorosamente
a
segunda
batalha da Líbia